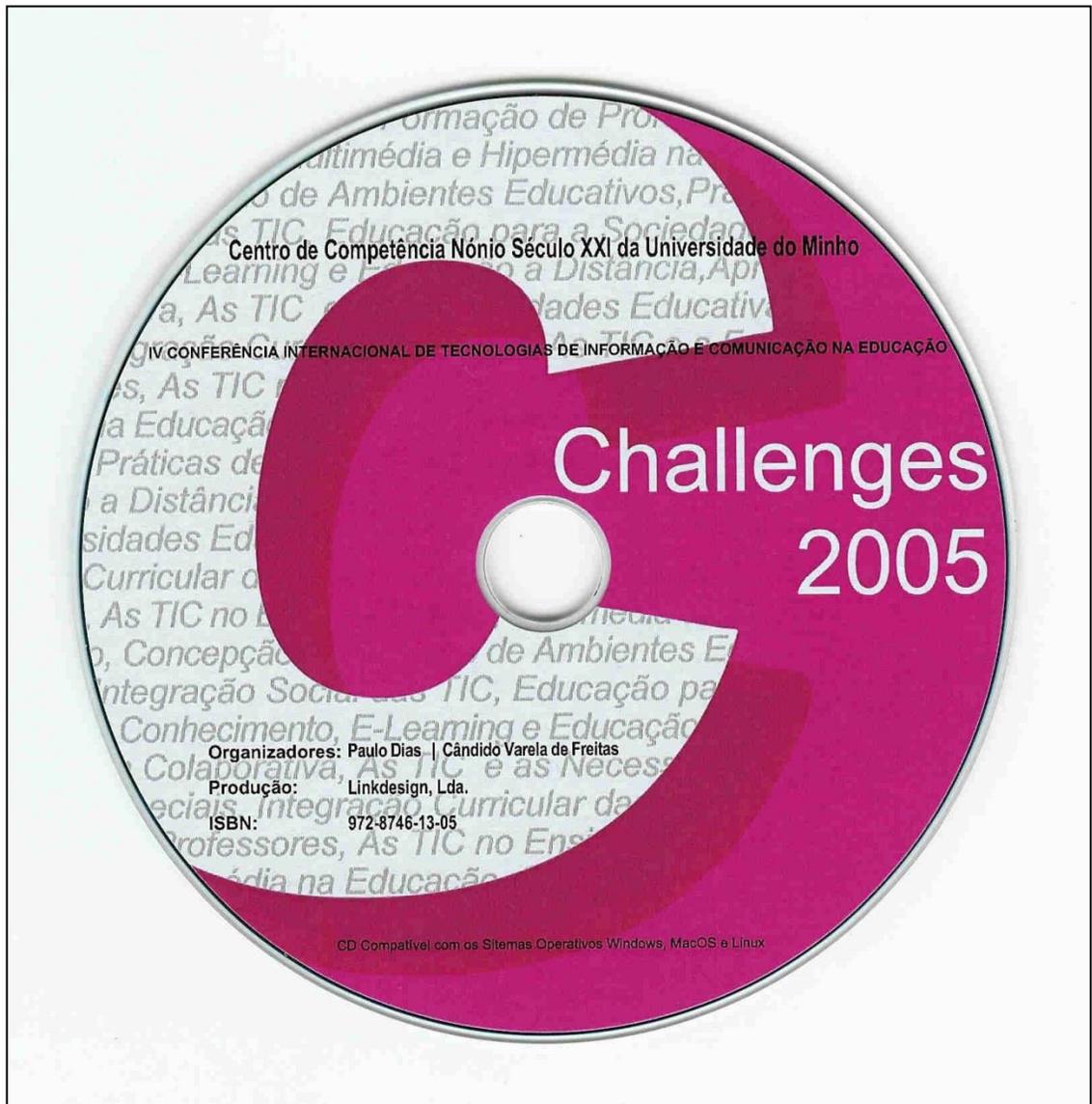


Ribeiro, Ângelo & SILVA, Bento (2005). A imagem da imagem da obra de arte no uso dos manuais escolares de educação visual. In Paulo Dias & Varela de Freitas (cords.), *Actas do IV Congresso Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2005*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, pp. 507-526. (ISBN: 972-8746-13-05).



A IMAGEM DA IMAGEM DA OBRA DE ARTE NO USO DOS MANUAIS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO VISUAL

Ângelo Ribeiro

Professor do Ensino Básico

aribeiro80@sapo.pt

Bento Silva

Universidade do Minho

bento@iep.uminho.pt

Resumo

Nesta comunicação os autores estudam o uso dos manuais escolares na disciplina de Educação Visual, focando, em mais particular, a representatividade da imagem da obra de arte nos manuais desta disciplina, uma das grandes áreas da educação artística presentes na organização curricular do ensino básico. Ou seja, num tempo marcado pela tecnologia dos *bits*, os autores procuram averiguar a utilidade do manual na óptica dos seus utilizadores e autores (alunos, professores, autores/editores). Para isso, adoptaram uma metodologia de investigação de tipo *survey*, baseada, por um lado, numa análise documental dos manuais existentes e comercializados no ano lectivo de 2003-04, criando para este efeito grelhas de análise de conteúdo, e, por outro lado, recolheram a opinião, através de questionário, de professores da disciplina de Educação Visual e de alunos das 23 escolas da rede escolar (3º ciclo do ensino básico) do concelho de Vila Nova de Gaia, bem como de autores/editores dos manuais. Os resultados mostram que o manual continua a ser um importante recurso pedagógico, actuando como guia de orientação das aulas, sendo que a principal valorização para a disciplina de Educação Visual recai na sua utilidade para a leitura de imagens. No campo específico da obra de arte, alguns manuais (ainda que em número diminuto) sugerem a Internet como suporte complementar indicando sítios associados ao desenvolvimento de conteúdos da disciplina de Educação Visual. Na opinião dos autores desta comunicação, esta complementaridade, praticada ainda de forma ténue, permite vislumbrar o caminho a trilhar na produção dos manuais escolares nos tempos actuais da Sociedade da Informação.

1. Introdução

Desde há muito tempo que os manuais escolares desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, tornando-se o meio pedagógico central do processo de escolarização. Zabalza (2001: 49) afirma mesmo que os manuais são os *mediadores privilegiados e mais influentes* da planificação curricular, actuando como guias de interpretação e desenvolvimento do Programa de cada nível educativo.

Ora, num tempo civilizacional marcado pela tecnologia dos *bits*, interessava-nos averiguar da importância que o manual escolar da disciplina de Educação Visual (Ed. Visual) exerce sobre os actores envolvidos, sejam utilizadores (professores e alunos) e autores/editores. Tendo a disciplina de Ed. Visual como referente de investigação, disciplina que, por excelência, deve promover a literacia de introdução às artes, envolvendo conceitos e domínios de alfabetização

visual, leitura e criação de imagens, interessava-nos, também, averiguar o papel da imagem da obra de arte nos manuais desta disciplina.

O estudo que apresentamos caracteriza a representatividade da imagem da obra de arte no manual da disciplina de Ed. Visual no ano lectivo de 2003/2004, bem como a sua utilização pelos alunos e professores do 3º ciclo do ensino básico.

Deparamo-nos através da nossa experiência com uma série de questões às quais, procuraremos encontrar respostas com carácter fundamentado:

- Qual é a utilidade do manual na óptica dos seus utilizadores?
- O manual foi desenvolvido para ser utilizado em que situações?
- Será que o manual promove a aproximação do aluno à obra de arte?
- Qual é a representatividade da obra de arte no manual?
- Que apoio teórico é atribuído à obra de arte representada na imagem? Em que contexto é desenvolvido?
- Será que os manuais exploram a indicação de outras fontes de pesquisa, como a Internet, enciclopédias ou aplicativos hipermédia/multimédia?
- Qual a representatividade da arte nacional e os artistas nacionais?
- Qual é o contributo da legenda para a leitura da obra de arte?

Perante este quadro de intenções acreditamos ter sido possível desenvolver uma pesquisa, capaz de fornecer dados relevantes a esta problemática que, pela sua peculiaridade, indica caminhos de aperfeiçoamento à funcionalidade e utilidade do manual.

2. Procedimentos metodológicos

Desenvolvemos um estudo do tipo *survey* que é “um método de recolha de informação que permite descrever, comparar ou explicar conhecimentos atitudes e comportamentos” (Fink, 1995) baseado numa análise documental cuja “colecta de dados está restrita a documentos, escritos ou não” (Marconi & Lakatos, 2002: 62). Baseado numa amostra retirada do universo dos manuais existentes para a disciplina de Ed. Visual do 3º ciclo do ensino básico comercializados no ano lectivo de 2003/2004, contou igualmente com uma recolha de dados junto dos actores directamente relacionados com a sua produção/utilização (autores, alunos e professores).

Conscientes da pluralidade dos procedimentos que a observação de documentos envolve, desde logo determinados pela natureza do próprio documento, distinguimos, de acordo com Almeida & Pinto (1982: 96), dois grupos de técnicas documentais. As técnicas clássicas que se orientam para uma análise profunda com carácter qualitativo e as técnicas modernas que privilegiam abordagens quantitativas. Brannen (1995: 33), a propósito da necessidade de utilizar estratégias quantitativas e qualitativas, defende que “deve mesmo haver mais sobreposições entre os paradigmas qualitativos e quantitativos, principalmente na lógica do inquérito, do que é comumente assumido”.

Sendo um estudo de carácter essencialmente exploratório, identificamos alguns indicadores para a elaboração de manuais escolares. Recorremos a estratégias descritivas para proceder ao

levantamento de dados (questionário a professores, alunos e autores) e a estratégias com carácter quantitativo (grelha de avaliação das imagens nos manuais). Definimos objectivos que procuraram responder às nossas questões:

Em relação à utilização do manual:

- Entender as razões da utilização (ou não) do manual de Ed. Visual do 3º ciclo de Ensino Básico pelos professores e pelos alunos;
- Perceber a função do manual na óptica dos utilizadores;
- Compreender as razões da adopção/não adopção do manual;
- Perceber a frequência de utilização do manual na sala de aula.

Em relação à imagem de arte no manual

- Perceber a importância da imagem da arte para os alunos e professores;
- Perceber a frequência com que os professores recorrem à imagem da obra de arte;
- Compreender a importância da legenda e do corpo de texto relativamente à imagem da obra de arte;
- Caracterizar a representatividade da imagem da obra de arte nacional nos manuais.

2.1. Primeira parte: Manuais de Educação Visual

a) Amostra

Os manuais da disciplina de Ed. Visual do terceiro ciclo do ano lectivo de 2003/3004 caracterizam o nosso objecto de estudo.

Baseando-nos na lista fornecida pelo Ministério da Educação,¹ em 10 de Dezembro de 2003, identificamos 27 editoras que publicam manuais escolares para o corrente ano lectivo (720 no total), sendo que apenas 10 o fazem para a disciplina de Ed. Visual, pelo que definimos os critérios de selecção:

- O manual ser da disciplina de Ed. Visual;
- O manual ser dirigido a alunos do terceiro ciclo;
- O manual ter sido elaborado tendo em conta a recente reforma curricular do ensino básico;
- O manual estar disponível;
- O investigador ter acesso ao manual.

Após a fase de identificação, selecção, solicitação e recolha dos manuais e partindo da análise da Norma Portuguesa 405-1 (Informação e Documentação de documentos impressos), pela consulta do manual das Regras Portuguesas de Catalogação e apoiando-nos também na observação da metodologia de catalogação de edições em bibliotecas públicas, desenvolvemos a construção de um quadro que nos permitiu caracterizar individualmente cada manual que faz parte da nossa amostra.

¹ www.deb.minedu.pt/escolas/emanuais/rptmanuais_por_ciclo.asp?ciclo=3&anolectivo=2003/2004.

Quadro 1 - Identificação dos manuais de E. Visual do 3º ciclo do ano lectivo 2003/2004

| Nome da Editora | Areal Editores | Edições ASA | Santillana | Lisboa Editora | Plátano Editora | Porto Editora | Texto Editora | Texto Editora |
|-------------------------------|---|-----------------------------|---------------------------------|---|---------------------------|--|--|-----------------------|
| Título | Visualmente 7 8 9 | Educação Visual | Atelier de Ed. Visual | Desenhar e Criar | Comunicarte | Manual de Educação Visual – Educação Visual 7º e 8º anos | Dimensão Visual | Ponto de vista |
| Anos de Escolaridade | 7º 8º e 9º | 7.º, 8.º e 9.º | 3º Ciclo | 7.º, 8.º e 9.º | 3º Ciclo | 7º e 8º | 3º Ciclo | 3º Ciclo |
| Autor (es) | Zita Areal | Elza Ramos, Manuel Porfírio | António Meireles, Luís Herberto | Cristina Carrilho da Graça | Paula Stattmiller Andrade | António Modesto, Cláudia Alves, Maria Ferrand | Ana José Brito, Helena Miranda | Ana Mantero |
| Colaboradores | 0 | 0 | 0 | Beatriz Vidal e Henrique Cayatte | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Colecção | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Ano de publicação | 0 | 0 | 2002 | 2002 | 2002 | 2003 | 2002 | 2002 |
| Edição | 0 | 1ª | 1ª Edição, 1ª tiragem | 1ª Edição, 1ª tiragem | 2ª Edição | 1ª Edição; 2ª reimpressão | 1ª Edição 1ª Tiragem | 1ª Edição, 1ª tiragem |
| Número de exemplares | 0 | 1000 | 2500 | 9750 | 5000 | 16500 | 14 000 | 12 000 |
| Ano da primeira edição | 0 | 2003 | 2002 | 2002 | 0 | 2003 | 2002 | 2002 |
| Local de edição | 0 | 0 | Carnaxide | 0 | 0 | Porto | 0 | Lisboa |
| Número de volumes | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Número de páginas | 288 | 272 | 208 | 192 | 255 | 256 | 224 | 192 |
| Depósito Legal | 0 | 176 947/02 | 175735/02 | 179260/02 | 184 582/02 | 191184/03 | 176450/02 | 176451/02 |
| ISBN | 972-627-617-9 | 972-41-2828-8 | 972-761-251-2 | 972-680-506-6 | 972-770-158-2 | 972-0-32557-7 | 972-47-1860-3 | 972-47-1862- X |
| Direcção Gráfica | 0 | Autores | Carla Julião | Atelier Henrique Cayatte com Paula Cabral | Workpoint | 0 | Manuel Pacheco e Orlando Gaspar (capa) | 0 |
| Ilustração | Areal Editores Pedro Dias Álvaro Pecegueiro Bayard Christ | João Carvalho | Jorge Santos Paulo Cintra | 0 | Gab. Gráfico Plátano | 0 | Luis Monarca e Rafaela Mapril | António Rosado |
| URL da Editora | www.araleditores.pt | www.asa.pt | www.constancia-editores.pt | www.lisboaeditora.pt | 0 | http://www.portoeditora.pt | www.te.pt | www.te.pt |
| Dimensões (lxaxc) | 21,5 X 28,5 X 1,7 | 30,0 x 21,0 x 1,5 | 19,5 x 27,0 x 1,1 | 23,5 x 27,5 x 1,0 | 20 x 26,5 x 1,2 | 21,6 x 28,5 X 1,2 | 20,5 x 26,8 x 1,0 | 20,5 x 26,8 x 1,0 |
| Peso (gr) | 950 | 880 | 500 | 600 | 700 | 740 | 610 | 520 |
| Material da capa | Plástico | Cartão | Cartão | Cartão | Cartão | Cartão | Cartão | Cartão |
| Material do interior | Papel | Papel | Papel | Papel | Papel | Papel | Papel | Papel |
| Solução Técnica | Perfurado com argolas | Colado | Colado e cosido | Colado e cosido | Colado e cosido | Colado e cosido | Colado e cosido | Colado e cosido |
| Preço (€) | 17,35 | 17,35 | 14,95 | 15,80 | 16,60 | 16,65 | 14,99 | 14,99 |

b) Indicadores de análise

No sentido de preparar o processo de recolha de dados, procedemos ao levantamento dos indicadores de análise que estiveram na base da construção do instrumento de recolha de dados. Definimos cinco dimensões de análise e a consequente identificação de indicadores de observação que estruturaram a construção do instrumento de recolha de dados, conforme podemos analisar pela observação do quadro nº 2.

c) Instrumento de recolha de dados: a grelha de análise

Para o estudo da imagem da obra de arte no manual de Ed. Visual desenvolvemos a construção de uma grelha de análise que, segundo Marconi & Lakatos (2002: 90), se enquadra dentro de uma observação sistemática. Segundo estes autores “vários instrumentos podem ser utilizados na observação sistemática: quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos, etc.”

A grelha está dividida em duas áreas distintas. A primeira engloba as dimensões relativas à legenda, ao corpo de texto e à imagem e a segunda analisa o autor e a obra.

No sentido de reforçar a operacionalidade da grelha, avançamos para o levantamento e tratamento de dados a dois manuais, seleccionados aleatoriamente. A validação da grelha é um processo metodológico importante no sentido em que nos permite verificar a existência de lacunas na sua construção, permitindo-nos a sua reparação/reformulação não colocando em causa o levantamento e o tratamento dos dados.

d) Análise de conteúdo

Vala (1986) refere que a análise de conteúdo é uma técnica corrente utilizada em investigações empíricas no domínio das ciências sociais e humanas. Este autor apresenta-nos várias definições de análise de conteúdo, desde a de Berelson (1952) que define análise de conteúdo como sendo “uma técnica de investigação que permite a descrição objectiva sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (apud Vala, 1986: 103) até à de Krippendorff (1980) que definiu análise de conteúdo como sendo “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (apud Vala, 1986: 103). De acordo com Vala (1986: 103), quando Krippendorff retira a referência à quantificação da sua definição, permite o alargamento das direcções que a análise de conteúdo pode seguir, deixando implícito que o rigor e o sucesso não são exclusivos das investigações quantitativas.

Para esta análise construímos uma base de dados utilizando o sistema informático Microsoft Excel permitindo-nos, assim, realizar um tratamento descritivo.

Quadro 2 - Dimensões e indicadores de análise

| Dimensão de análise | Indicadores |
|--|--|
| Legenda da imagem da obra de arte | Autor |
| | Período de vida |
| | Nacionalidade |
| | Título da obra |
| | Ano |
| | Técnica |
| | Dimensões físicas da obra |
| | Suporte |
| | Tipo |
| | Análise ao conteúdo da obra |
| | Outras fontes de informação |
| | Outros |
| | Corpo de texto |
| Período de vida | |
| Nacionalidade | |
| Título da obra | |
| Ano | |
| Técnica | |
| Dimensões da obra | |
| Suporte | |
| Tipo | |
| Análise ao conteúdo da obra | |
| Outras fontes de informação | |
| Outros | |
| Imagem | |
| | Qualidade (Cor e/ou preto e branco) |
| | Integral ou pormenor |
| | Proprietário da imagem |
| | Destaque à obra de arte/artista |
| | Enquadramento temático |
| Autor | Nome |
| | Nacionalidade |
| | Estrangeiro ou nacional |
| | Ano de nascimento |
| | Ano de morte |
| | Período de vida |
| Obra | Título |
| | Ano |
| | Tipo |
| | Dimensões da obra |
| | Técnica |
| | Localização espacial da obra |
| | Movimento artístico em que se insere |
| | Área temática em que se enquadra no manual |
| | Localização da imagem no manual |
| | Comentário |

2.2. Segunda parte: Inquéritos aos professores, alunos e autores/editores

a) Amostra

Não sendo sensível à variante escola, o objectivo do nosso estudo foi inquirir professores e alunos das 23 escolas constituintes da rede escolar do concelho de Vila Nova de Gaia destes níveis de ensino. Devido a condicionalismos externos a nossa amostra reduziu-se a 20 estabelecimentos de ensino a que corresponde um universo de 67 professores, variando o seu número, por cada escola, de 1 a 11.

Relativamente aos alunos, 2º público-alvo deste estudo, optamos por determinar uma amostra estratificada simples e constante por ano de escolaridade e por escola. Fox (1981: 375)

identifica a estratificação como “um processo que permite assegurar que todos os aspectos significativos de uma característica estão representados na amostra” sendo que este “processo consiste em dividir a população em subgrupos ou estratos atendendo à característica para a qual procuramos representatividade e em criar uma amostra fazendo selecções distintas para cada estrato.”

Recorremos a 5 alunos, escolhidos aleatoriamente, de cada ano de escolaridade do 3º ciclo de cada escola, na seguinte forma: 5 alunos de uma turma do 7º ano de cada escola; 5 alunos de uma turma do 8º ano de cada escola; 5 alunos de uma turma do 9º ano de cada escola

No universo das 20 escolas a inquirir a amostra ficaria constituída por 295 alunos, sendo 100 do 7º ano, 100 do 8º ano e 95 do 9º ano. Solicitamos aos professores que procedessem à selecção e entrega dos questionários aos alunos de cada turma.

Relativamente aos terceiros intervenientes, por considerarmos que o manual é o resultado de um trabalho de equipa, optamos por identifica-lo como autor/editor. Este conjunto é constituído por 13 elementos na totalidade, 9 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, observando-se que a quantidade de autores, por manual, varia entre 1 e 3. Foi, de longe, o grupo que menos aderiu ao nosso estudo situando-se a sua amostra em 2 elementos, a que correspondem 15 valores percentuais.

b) A construção do instrumento de recolha de dados: o questionário

Definimos dimensões e indicadores de análise semelhantes para todos os destinatários, tendo o cuidado de adaptar cada instrumento à especificidade do público-alvo a que se destina.

A análise do quadro nº3 permite-nos observar a estrutura subjacente à construção do questionário:

Quadro 3 - Dimensões e indicadores de análise

| | Indicadores dos alunos | Indicadores dos professores | Indicadores dos autores/editores |
|-------------------------------|--|---|--|
| Caracterização | Idade | Idade | Idade |
| | Sexo | Sexo | Sexo |
| | Escola que frequenta | Formação de base | Formação de base |
| | Ano de escolaridade | Tempo na carreira docente | Tempo na carreira docente |
| | Manual que utiliza | Funções de Delegado ou Representante da disciplina | Experiência na construção de manuais de Ed. Visual |
| | Opinião sobre manuais escolares | Participação no processo de adopção de manuais | Tempo de experiência na construção de manuais de Ed. Visual |
| | | | Experiência docente |
| | | | Participação no processo de adopção de manuais escolares |
| Manual de Ed. Visual | Gosto pela disciplina de Ed. Visual | Importância do manual para a disciplina | Importância do manual para a disciplina |
| | Aquisição do manual | Utilidade do manual | Utilidade do manual |
| | Razões para a aquisição, ou não, do manual | Aquisição do manual pelos alunos | Aquisição do manual pelos alunos |
| | Utilidade do manual | Utilização do manual | Utilização do manual |
| | Uso do manual na sala de aula | Uso do manual na sala de aula | Uso do manual na sala de aula |
| | Função do manual | Função do manual | Função do manual |
| | Manual único para o ciclo | Manual único por ciclo | Manual único para o ciclo |
| | Opinião | Opinião | Opinião |
| Imagem da obra de arte | Relação da arte com a disciplina | Relação da arte com a disciplina | Relação da arte com a disciplina |
| | Aprendizagem com imagens | Importância da utilização de imagens | Importância da utilização de imagens |
| | Gosto pela observação de imagens de arte | Utilização de imagens | Utilização de imagens |
| | Quantidade de imagens | Número de imagens no manual | Número de imagens no manual |
| | Representatividade de artistas nacionais | Informação inerente à imagem | Informação inerente à imagem |
| | Informação inerente à imagem | Destaque especial a artistas, obras de arte ou movimentos | Outras fontes de informação relativas à obra de arte |
| | Importância da legenda | Representatividade de artistas nacionais | Destaque especial a artistas, obras de arte ou movimentos |
| | | Importância da legenda | Representatividade de artistas nacionais |
| | | Disponibilidade para colaborar na construção de manuais | Distinção da imagem da obra de arte com as restantes |
| | | | Importância da legenda |
| | | | Disponibilidade para aceitar colaboração na construção do manual |

No sentido de minimizar as desvantagens que o método do questionário condiciona, definimos previamente algumas estratégias:

- Identificação prévia dos intervenientes
- Contacto telefónico com as instituições manifestando o nosso interesse
- Entrega dos instrumentos nas instituições e sempre que possível aos próprios
- Contactos telefónicos periódicos para lembrar a necessidade de preenchimento
- Recolha dos inquéritos pessoalmente

- Recorrer a várias entregas (máximo de três) se as anteriores não surtirem o efeito desejado
- Definição de um período limite para recolha de dados

c) O processo de recolha de dados

Após o contacto telefónico com as instituições e por uma questão de organização e método, optámos por iniciar a distribuição dos questionários à população docente e discente, reservando para um momento posterior a distribuição dirigida aos autores/editores. Os quadros nº 4 e nº 5 demonstram as taxas de devolução dos questionários.

Quadro 4 - Taxas de devolução dos questionários pelos alunos

| Alunos (20 escolas EB 2/3 e Secundárias) | | | |
|---|------------------|-------------------|--------------------|
| | Entregues | Devolvidos | Percentagem |
| 7º | 100 | 79 | 79% |
| 8º | 100 | 80 | 80% |
| 9º | 95 | 71 | 75% |
| Total | 295 | 230 | 78% |

Quadro 5 - Taxa de devolução dos questionários pelos professores

| Professores | |
|-------------------------|-------------------|
| Entregues | Devolvidos |
| 67 | 47 |
| Total da amostra | |
| 70% | |

A recolha de dados relativos ao autor/editor realizou-se por intermédio do correio electrónico. A fraca adesão ao questionário limitou-nos o levantamento e o tratamento dos dados a dois respondentes, pelo que estamos conscientes da instável opinião que representam, mas que optamos por não colocar em causa devido à sua representatividade estrutural no âmbito deste trabalho.

Quadro 6 - Taxa de devolução dos questionários pelos autores/editores

| Autores/Editores | | | | | |
|-------------------------|-------------------|---------------------|-------------------|---------------------|-------------------|
| 1º Envio | | 2º Envio | | 3º Envio | |
| Enviados | Devolvidos | Enviados | Devolvidos | Enviados | Devolvidos |
| 13 | 2 | 11 | 0 | 11 | 0 |
| Respondentes | | Respondentes | | Respondentes | |
| 15% | | 0% | | 0% | |
| Total da amostra | | | | | |
| 15% | | | | | |

3. Apresentação e análise dos dados

3.1. A imagem da obra de arte nos manuais de Ed. Visual

A partir dos 1254 registos, observamos que as imagens se distribuem pelos 8 manuais ao longo de 1880 páginas. O valor mais alto de frequência de imagens de obras de arte, por página, é atingido pelo manual da editora Porto Editora com quase 1 imagem em cada página (valor médio) e o valor mais baixo é atingido pelos manuais das editoras Areal Editores e Texto Editora que indicam 0,5 imagens como valor médio em cada página do manual. A área de ocupação da imagem da obra de arte na totalidade da área do manual varia entre os 6,8% (Areal Editores) e os 13% (Plátano) sendo que, em média, a Plátano é também a editora que publica as imagens de maior dimensão (113 cm²) contra a Texto Editora, com o manual Dimensão Visual, que se situa nos 53,8 cm².

Focamos o desenvolvimento da análise nos 5 indicadores da imagem.

a) Legenda

Verificamos uma forte tendência para que os três indicadores de análise autor, título da obra e ano, constituam a característica generalizada na construção das legendas das imagens de obras de arte. Após uma análise mais cuidada, apuramos que se distinguem outros indicadores revelando preocupações divergentes na sua construção. A editora Areal valoriza nitidamente, além das anteriores, uma análise descritiva ao conteúdo da obra, quer esta seja de carácter técnico, quer seja de carácter teórico, ainda que, mas em menor dimensão, refira em 28% das vezes o tipo de arte representado. A Lisboa Editora destaca igualmente a análise ao conteúdo da obra (55%), mas também o período de vida do autor (52%) e o tipo de arte (42%) representada na imagem. Já a editora Texto, no manual "Dimensão Visual", valoriza a técnica e o suporte além dos outros três anteriormente citados.

b) Corpo de Texto

Verificamos que a referência à imagem da obra de arte é mais pobre e centra-se fundamentalmente na designação do autor da obra e no desenvolvimento da análise do conteúdo da obra, ainda que com valores muito baixos. Neste contexto destaca-se a Editora Areal que regista, em 51 % das imagens, uma análise descritiva do conteúdo da obra

c) Imagem

Observa-se que são reproduzidas fundamentalmente a cores ficando as de preto e branco reservadas exclusivamente aos casos em que o original se apresenta com a mesma qualidade. Refere-se a situação de apenas uma imagem no manual da editora Santillana se apresentar a preto e branco. Ao analisarmos as imagens em função da reprodução na totalidade da obra ou, se por alternativa, o fazem só parcialmente, verifica-se que todas as editoras optam pela totalidade registando médias acima dos 90%. Relativamente à identificação do autor da imagem (fotógrafo), na grande maioria dos casos, não aparece identificado, exceptuando-se a editora Santillana que o demonstra em 42% das imagens. A obra de arte, o artista ou o movimento artístico é muitas vezes

objecto de análise destacada no manual pelo que registamos uma quantidade apreciável de imagens que se enquadram neste aspecto. A editora Texto, no manual “Ponto de Vista”, regista 76 casos nestas condições, contra os 46 exemplos de imagens distribuídas pela restante orgânica do livro.

d) Autor

Analisando a representatividade da nacionalidade dos artistas, verificamos, numa primeira abordagem, que os estrangeiros atingem a grande maioria (71%), enquanto que aos artistas nacionais cabe uma representatividade de 17 %, reservando-se uma margem de 12% para aqueles que, por várias dificuldades, não foi possível determinar a sua nacionalidade. Decompondo o indicador estrangeiros pelas diferentes nacionalidades, verificamos que os dados alteram-se significativamente aparecendo agora os artistas nacionais em destaque com uma representação de 24% a que correspondem um total de 226 imagens. Separando estes valores pelas várias editoras, destacamos a permanência deste factor, exceptuando-se o facto de na editora Santillana e na editora Texto (Ponto de Vista) a proporção continuar a ser mais favorável a artistas estrangeiros, nomeadamente dos Estados Unidos da América e da França respectivamente. A representatividade dos artistas mortos ou vivos indica-nos que a generalidade das editoras publica, essencialmente, as imagens de obras de artistas que já morreram numa proporção próxima dos 70 pontos percentuais.

e) Obra de arte

Em todos os casos estudados, a imagem do tipo de arte Pintura aparece em grande destaque, seguindo-se a imagem do tipo de arte Escultura, do tipo Desenho e Design (comunicação, equipamento, industrial, ...) ficando os restantes tipos reservados a percentagens modestas, nunca ultrapassando os 4% de representatividade, como é o caso da Banda Desenhada, da Arquitectura e da Fotografia. Verifica-se em todos os manuais que a pintura é o tipo de arte com maior representatividade revelando-se a manifestação artística preferida pelos autores/editores. Identificam-se pontualmente outras manifestações com destaque pontual variando a sua representatividade de editora para editora.

3.2. O manual de Ed. Visual visto pelos diversos actores

Esta parte dedica-se à análise das perspectivas de cada um dos actores envolvidos na utilização do manual da disciplina de Ed. Visual (professores, alunos e autores/editores).

a) Professores

Após o levantamento dos dados, caracterizamos o professor da disciplina de Ed. Visual do concelho de Vila Nova de Gaia da forma que se segue: tem entre 27 e 57 anos de idade, sendo a média de 44 anos e a mais frequente de 38 anos, que corresponde a 17% da amostra. O género apresenta taxas percentuais próximas, 54% do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Relativamente à formação de base, a mais evidente é a licenciatura em Pintura com 13 registos

(30%), seguindo-se a licenciatura em Design de Comunicação e Arquitectura com 11 registos cada (23%), a licenciatura em Escultura com 3 registos e finalmente um grupo de 11 registos (17%), onde a formação não é muito precisa e que varia entre Bacharelato, Licenciatura ou Artes Plásticas. O tempo de serviço varia entre o 1 ano e os 32 anos, sendo a média de 17 anos e o mais frequente (15%) de 15 anos. A maior parte destes professores (83%) já desempenhou funções de Delegado ou Representante da disciplina e uma grande percentagem (91%) já participou no processo de adopção de manuais.

b) Alunos

No que concerne aos alunos, dos 230 inquiridos a maior parte (80) tem 14 anos, seguindo-se 47 com 13 anos, 46 com 15 anos, 36 com 12 anos, 18 com 16 anos e 1 inquirido com 17 anos. Relativamente ao género, 130 (57%) são do sexo feminino e 99 (47%) são do sexo masculino. No que concerne ao ano de escolaridade que frequentam, 30% dos inquiridos estudam no 7º ano de escolaridade, 33% estudam no 8º ano e 38% frequentam o 9º ano de escolaridade. Questionados sobre o manual que possuem, 40% dos inquiridos respondeu ser o manual da Areal Editores, 26% o da Asa Editores, 9% o da Porto Editora, 5% o da Lisboa Editora e 3% dos inquiridos o manual da Texto Editora e da Editora Plátano, reservando-se uma taxa de 11% para aqueles que não utilizam nenhum manual. A 95% dos alunos inquiridos nunca foi solicitada a opinião sobre os manuais de Ed. Visual.

c) Autores/Editores

O universo dos autores/editores é formado por 13 elementos distribuídos pelos 8 manuais em estudo. Verifica-se que 4 manuais são realizados por 1 único autor, 3 são realizados por 2 autores e um manual por uma equipa de 3 autores. Desses, 9 elementos são do sexo feminino e 4 são do sexo masculino. Relativamente à nossa amostra (2 elementos) ambos são do género feminino e têm uma larga experiência docente. A formação de base é na área das Artes Plásticas, uma em Pintura e a outra em Escultura. Uma está a iniciar-se, como autora, no processo de construção de manuais, tendo um ano de experiência e concebido apenas 1 manual, ao passo que a outra autora tem uma vasta experiência: já concebeu 4 manuais ao longo de 12 anos.

d) A utilização do manual

A grande percentagem dos inquiridos considera o manual importante para a disciplina, ainda que desempenhe funções distintas para cada um dos utilizadores. Enquanto os professores o utilizam essencialmente para ver imagens, como guia de orientação e para preparação das aulas, os alunos servem-se dele essencialmente para se inspirarem quando têm trabalhos a desenvolver para a disciplina. Uma análise mais pormenorizada permite-nos observar que o indicador leitura de imagens é o que reúne maior percentagem nos dois grupos. Verifica-se igualmente que no indicador *outros* há uma percentagem de alunos que responde que o manual *não serve para nada* e apontam a eficácia lectiva do professor como a causa para essa observação. Relativamente à compra do manual para a disciplina, 28 professores solicitam a sua

aquisição aos alunos sendo que 19 professores não a consideram importante e que como tal não a obrigam. Apontam como principal causa o preço do manual com 18 registos, seguindo-se com 6 registos a irrelevância do manual enquanto recurso pedagógico. Verifica-se, questionando o aluno sobre as razões para a não aquisição, que a causa maior se deve ao facto de a escola/professor não obrigar, seguindo-se o facto de o aluno nunca ter utilizado o manual na disciplina e numa percentagem mínima, 1%, pelo facto de ser caro.

A maior parte dos professores, 72%, recorre ao manual para apresentar e desenvolver os conteúdos da disciplina, sendo que só 57% solicitam o seu uso na sala de aula. Desenvolver e estudar os conteúdos da disciplina (34%), desenvolver actividades na sala de aula (31%) e desenvolver trabalhos de investigação (23%), é o principal uso que os docentes dão aos manuais. Os alunos que utilizam o manual na sala de aula (41%) respondem que o professor em 51% dos casos o utiliza algumas vezes, em 29% dos casos raramente e em 7% dos casos o professor utiliza sempre o manual na sala de aula. Questionados sobre essa utilização, a grande maioria refere a leitura de imagens como a principal utilidade, seguindo-se o estudo da matéria e a realização dos trabalhos que lá vêm indicados.

Aqueles que não utilizam o manual na sala de aula, questionados sobre se o prefeririam fazer, 65% das respostas foram negativas apontando principalmente para o facto de o manual não ser preciso porque o professor o substitui.

Questionados quanto à razão pela qual não utilizam os manuais, os professores identificam como causa principal o facto de este não se adequar à sua forma de leccionar as aulas (41%), também pelo facto de este se tornar um factor limitador da sua criatividade lectiva (23%) e finalmente porque o manual propõe o desenvolvimento de actividades que envolvem técnicas e meios inatingíveis nas escolas onde leccionam (18%).

Relativamente à função principal que o manual desempenha, as respostas abertas dos professores, foram quase na totalidade direccionadas para o apoio que este pode fornecer, tanto a ele como ao aluno. Este apoio assume fisionomias distintas. Por um lado, identifica-se o apoio que o manual pode prestar ao aluno para desenvolver os conteúdos apresentados na sala de aula, para o contacto com imagens e exemplos de actividades e para o desenvolvimento da motivação no aluno, por outro lado, o apoio que o manual fornece ao professor na consulta e planificação das aulas e também na exemplificação de actividades e trabalhos a desenvolver com os alunos.

No que concerne à existência de um manual único por ciclo para a disciplina de Ed. Visual, 74% dos inquiridos professores concordam com essa opção, enquanto que nos alunos esta proporção sobe para os 80%, revelando consenso generalizado.

Concluindo esta fase do questionário, a generalidade dos alunos revelaram que gostam do manual, considerando-o útil e bem construído, e que desempenha uma importante função de apoio e de inspiração para as aulas lectivas. Relativamente aos professores, a sua opinião difere, pois, no universo de 20 respondentes, destaca-se a opinião de que, embora úteis, apresentam lacunas em diferentes perspectivas. Linguagem pouco acessível ao aluno, o preço e o peso do manual, excesso de conteúdos e a utilização de imagens e exemplos de actividades muito distantes das capacidades dos alunos foram aspectos referidos com frequência.

Os autores defendem que o manual é um importante recurso pedagógico para a disciplina, sendo que, construíram os seus projectos principalmente para servirem de guia de orientação na sala de aula, tanto para o professor como para o aluno e também para permitirem o esclarecimento e aprofundamento de conhecimentos. Consideram importante a sua aquisição por parte dos discentes. Questionados acerca das causas que levam os professores da disciplina a não solicitarem a aquisição do manual pelos alunos, os autores/editores foram unânimes em indicar a opção que assinala a irrelevância do manual enquanto recurso pedagógico como a principal causa. Todos consideram que o manual foi desenhado e construído para ser utilizado na sala de aula para o estudo e desenvolvimento de conteúdos, assim como para o apoio ao desenvolvimento de trabalhos de investigação dos alunos. Relativamente ao facto de os professores não utilizarem o manual na sua aula, todos indicam como principal causa a circunstância de este não se adequar à forma de leccionar do professor. Quanto à função, as opiniões dividem-se entre, ser um instrumento de trabalho e desempenhar o papel de um dicionário que sirva para tirar dúvidas e aprofundar conhecimentos. A totalidade da nossa amostra concorda com a existência de um manual único para o 3º ciclo de aprendizagem.

No que concerne ao indicador de outras opiniões, como resposta aberta, regista-se que o manual deve permitir, no âmbito da Ed. Visual, o alargamento dos conhecimentos com uma tónica nacional e multicultural, assim como deve ser encarado como um ferramenta que estimule o desenvolvimento da criatividade do aluno.

e) A imagem de arte no manual

No que concerne à segunda parte do questionário, 66 % dos professores considera a relação da arte com a disciplina de Ed. Visual muito importante e 32% considera-a apenas importante. Os alunos têm uma opinião semelhante, diferindo apenas nos valores. Assim, 55% dos alunos questionados responde que essa relação é importante e 24% considera-a muito importante. Destaca-se o facto de 16% da amostra, a que corresponde um total de 37 elementos, não ter opinião formada. Para os autores essa relação é considerada muito importante.

Relativamente à importância da utilização da imagem da obra de arte na sala de aula, a totalidade dos professores afirmou ser importante a utilização desse recurso. Os alunos (92%) partilham a opinião anterior e consideram mesmo que aprendem mais e melhor com a utilização de imagens. Os autores partilham a mesma opinião.

No comentário, aberto, a esta pergunta, verifica-se a validade que os professores encontram na utilização deste recurso, verificável igualmente pelo elevado número de professores que responderam, 81% dos inquiridos. As respostas, amplamente variáveis, convergem na potencial singularidade comunicativa da imagem. Com ela é possível:

- Motivar para a área artística;
- Ajudar a criatividade do aluno;
- Estimular os sentidos;
- Ilustrar a temática a desenvolver;
- Desenvolver o sentido estético e crítico;

- Despertar interesses;
- Permite uma melhor compreensão dos objectivos;
- Formar o aluno ao nível visual;
- Conhecer e alertar para a arte;
- Servir de fonte de inspiração;
- Desenvolver o gosto pela arte;
- Desenvolver formas de comunicação individual e mostra como se faz bem feito.

Os autores potenciam a utilização da imagem na sala de aula pela impossibilidade do contacto directo com a mesma e destacam que a observação da imagem da obra de arte possibilita o conhecimento do mundo. Todos são unânimes em destacar o valor comunicacional e insubstituível da imagem.

Questionados sobre a utilização de imagens de obras de arte na sala de aula, 96% dos inquiridos professores respondeu que o faz. Questionados sobre a frequência, 57% respondeu que o faz algumas vezes, 38% muitas vezes e apenas 4% utiliza a imagem poucas vezes. Esta utilização, tem como objectivos principais para 33% da amostra, a motivação para a área artística, para 31%, a exemplificação de técnicas de representação, e para 30% dos inquiridos serve para o reforço de conteúdos. Por sua vez, a grande maioria dos alunos (88%) afirmaram que gostam de ver imagens e particularmente imagens de obras de arte.

Posteriormente, os inquiridos foram questionados relativamente à quantidade de imagens de arte existentes nos manuais. A opinião para 51% dos professores é a de que as imagens de obras de arte nos manuais são suficientes, ainda que para 40% sejam consideradas poucas e para 6% da amostra elas sejam muitas. A maioria dos alunos (71%) tem a opinião de que as imagens são suficientes. Os autores dividem-se nas opiniões, para 50% elas são muitas e para os outros 50% são suficientes, conforme revela o gráfico nº12 exposto abaixo.

Para os professores, a informação relativa às imagens de obras de arte, representadas pela imagem, varia numa proporção muito semelhante à questão anterior, sendo que 51% considera-a suficiente, 38% considera-a insuficiente e 9% considera-a boa, verifica-se também que 4% dos professores não manifestam opinião. Verificamos igualmente que para 67% dos alunos essa informação é suficiente, para 15% é considerada muita informação e para 14% é considerada pouca informação. Relativamente à opinião dos autores/editores ela é considerada boa para 50% e muito boa para os restantes 50%. Essa informação é dirigida potencialmente ao aluno, ainda que encontre indicações para a exploração autónoma desses assuntos noutros suportes, como são o exemplo a Internet, livros de arte e/ou recursos multimédia.

Seguidamente, os professores são questionados sobre a possibilidade de o artista, ou a obra de arte, ou o movimento artístico em que se inserem, serem objecto de destaque especial no interior do manual. Para 72% é uma metodologia correcta enquanto que para 26% não é uma metodologia relevante.

No que concerne à representatividade das obras de arte de artistas nacionais, 74% dos professores consideram-na insuficiente, 15% consideram-na suficiente e apenas 2%, a que

corresponde um professor, a considera boa. Relativamente aos alunos a grande percentagem de 33% manifesta-se sem opinião sendo que para 29% essa representatividade seja boa. Os autores consideram essa representatividade muito boa (50%) e boa (50%).

A legenda é um factor determinante na leitura de uma imagem e como tal a sua utilidade foi questionada já na parte final do questionário. A análise dos dados revela que há uma concordância generalizada entre os três grupos de análise relativamente à importância dessa legenda.

Relativamente ao conteúdo da legenda, verificamos que, dependendo do tipo de arte, esta varia de estrutura de conteúdo, consequência da importância que os inquiridos professores colocam a cada indicador de análise. O quadro abaixo demonstra a variação dos indicadores, segundo a ordem de preferência dos professores, para cada tipo de manifestação artística.

Quadro 7 - Indicadores para a construção de uma legenda de uma imagem de uma obra de arte consoante o seu tipo

| Indicadores para a constituição do corpo da legenda da imagem da obra de arte | | | | | |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Ordem | Pintura | Escultura | Arquitectura | Design | Desenho |
| 1 | Técnica | Nome autor | Análise | Nome autor | Técnica |
| 2 | Nome autor | Análise | Nome autor | Análise | Nome autor |
| 3 | Análise | Técnica | Ano obra | Técnica | Análise |
| 4 | Ano obra | Ano obra | Título | Ano obra | Suporte |
| 5 | Suporte | Pormenor | Técnica | Suporte | Ano obra |
| 6 | Pormenor | Suporte | Pormenor | Dimensões | Pormenor |
| 7 | Dimensões | Dimensões | Tipo da obra | Pormenor | Título |
| 8 | Título | Título | Nacionalidade | Nacionalidade | Dimensões |
| 9 | Tipo da obra | Tipo da obra | Local | Título | Tipo da obra |
| 10 | Nacionalidade | Nacionalidade | Suporte | Tipo da obra | Nacionalidade |
| 11 | Outras fontes | Outras fontes | Dimensões | Nasc. Autor | Outras fontes |
| 12 | Local | Local | Outras fontes | Outras fontes | Local |
| 13 | Nasc. Autor | Nasc. Autor | Nasc. Autor | Local | Nasc. Autor |
| 14 | Falec. Autor |
| 15 | Prop. Imagem | Prop. Imagem | Prop. Obra | Prop. Imagem | Prop. Imagem |
| 16 | Prop. Obra | Prop. Obra | Prop. Imagem | Prop. Obra | Prop. Obra |

O questionário termina perguntando a disponibilidade em colaborar com os autores na elaboração dos manuais, verificando-se que 47% respondeu negativamente, 43% respondeu afirmativamente e 11% não respondeu. Todos os autores se mostraram disponíveis para receber opiniões dos professores e alunos relativamente aos manuais.

4. Conclusão

Após a apresentação dos resultados, quer da análise de conteúdo dos manuais quer da opinião dos utilizadores/produtores, cabe concluir desenvolvendo uma interpretação de alguns objectivos que orientaram este estudo.

- Será que o manual é um recurso pedagógico importante na disciplina de Ed. Visual?

Verifica-se que o manual ocupa um lugar de destaque no espaço educativo da disciplina de Ed. Visual. Ainda que a sua utilização não seja generalizada, muitos professores consideram-no importante como recurso para a leitura de imagens, como guia de orientação e para a preparação de aulas. Cerca de 2/3 dos professores solicitam o uso do manual na sala de aula para o estudo e desenvolvimento de conteúdos, para o desenvolvimento de actividades e também para o desenvolvimento de trabalhos de investigação. Os restantes não usam o manual porque indicam que não se adequa à sua forma de leccionar e também porque o consideram um limitador da sua criatividade lectiva. A maior parte dos docentes solicitam a aquisição do manual. Os que não o fazem indicam o preço elevado do mesmo como causa para essa opção. A perspectiva do aluno permite verificar que mais de metade dos alunos adquiriram o manual porque, a maior parte deles, acredita na sua ajuda. Os restantes não efectuaram a compra porque não era de aquisição obrigatória, ainda que para um número considerável, não tivessem comprado o manual porque nunca o utilizaram. Consta-se que o factor preço elevado só foi registado 2 vezes, contrariando o argumento mais forte do professor que não o solicita. Esta perspectiva ganha ainda mais força se nos lembrarmos que actualmente as escolas estão apetrechadas com mecanismos de apoio ao aluno mais desfavorecido, oferecendo-lhe os manuais para todas as disciplinas. Os autores concordam inteiramente que o manual é um importante recurso pedagógico para a disciplina de Ed. Visual, embora tenha sido pensado e criado para servir de guia de orientação na sala de aula, tanto para o professor como para o aluno.

– Qual é a utilidade do manual?

Verifica-se que para o professor o manual serve, em primeiro plano, para a leitura de imagens e em segundo plano como guia de orientação fornecendo o apoio na preparação das aulas. Para o aluno constata-se que a principal função que o manual desempenha é a de servir de veículo de inspiração para os trabalhos que se desenvolvem na sala de aula, seguindo-se a função de visualizar imagens. Se admitirmos que a inspiração advém da leitura de imagens, esta dimensão ganha mais representatividade. Para os autores o conceito de funcionalidade do manual faz sentido na perspectiva de instrumento de trabalho servindo como glossário de conceitos e conhecimentos.

– O manual é usado em que situações e com que frequência?

Os professores recorrem regularmente aos manuais para apresentar e desenvolver os conteúdos da disciplina. Relativamente à utilização na sala de aula existe uma maioria que o faz, ainda que um número apreciável não o faça. As principais razões apontam-se para o facto de esta utilização não se adequar à maneira de leccionar do docente e também para o facto de este o considerar um limitador da sua criatividade lectiva. Curiosamente verifica-se que a média do tempo de serviço dos professores que utilizam e que não utilizam o manual na sala de aula é equivalente, situando-se nos 17 anos. A mesma equivalência se verifica na idade dos sujeitos. O docente utiliza o manual principalmente para o estudo e desenvolvimento de conteúdos, assim como, para um número próximo do anterior, para desenvolver actividades na sala de aula. A

perspectiva do aluno difere da perspectiva do professor. Para estes, a grande maioria dos professores não pede a utilização do manual na sala de aula e os outros fazem-no apenas algumas vezes, sendo que uma percentagem considerável apenas o faz raramente. A utilização do manual na sala de aula é essencialmente para a visualização de imagens, se bem que também serve, em menor número, para estudar a matéria. Os alunos que não utilizam manual na sala de aula, a grande maioria, prefere continuar a não o utilizar apontando geralmente as razões para a boa e útil prestação lectiva do professor.

– O manual foi desenvolvido para ser utilizado em que situações?

Os autores desenharam os seus projectos para que, tanto os alunos como os professores, os utilizem em situações de sala de aula, concretamente para o estudo e desenvolvimento de conteúdos próprios da disciplina e também para apoiar o aluno em trabalhos de investigação.

– Será suficiente a existência de um manual para o 3º ciclo do ensino básico?

Tanto os professores como os alunos como os autores são manifestamente favoráveis à existência de um único manual que acompanhe o aluno desde o 7º ano até ao 9º ano de escolaridade.

– A obra de arte e a disciplina de Ed. Visual? O valor da imagem?

A relação da arte com a disciplina de Ed. Visual varia entre muito importante para os professores e importante para os alunos. Ambos reconhecem uma validade relevante à imagem enquanto recurso pedagógico, sendo que na generalidade todos os professores recorrem a ela na sua actividade docente para, fundamentalmente, motivar os alunos para a área artística, para a exemplificação de técnicas de representação e também para reforço de conteúdos. Os professores consideram que a obra de arte, o artista ou o movimento artístico em que se inserem deve ser objecto de destaque especial no interior do mesmo. Os alunos gostam de ver imagens de obras de arte e consideram que aprendem mais e melhor com as imagens. Os autores consideram que a relação da obra de arte com a disciplina de Ed. Visual é muito importante. Consideram igualmente que se deviam utilizar muitas vezes as imagens das obras de arte na sala de aula, principalmente com o objectivo de reforçar conteúdos e para exemplificar técnicas de representação servindo de caminho para a literacia e a integração das expressões plásticas.

– Qual é a representatividade e o destaque dado à obra de arte no manual?

A opinião generalizada dos professores e dos alunos é que a quantidade de imagens existentes nos manuais são suficientes, ainda que para um grupo razoável de professores, essencialmente com formação inicial em pintura, elas sejam consideradas poucas. A ocupação da imagem de arte nos manuais é, em média, de 9%, sendo que o tamanho médio de cada imagem é de 81 cm². O número médio de imagens por cada manual é de 236, sendo que 0,67 é o número médio de imagens por cada página em cada manual. Os professores consideram que a obra de arte, o artista ou o movimento artístico em que se inserem deve ser objecto de destaque especial

dentro do manual, opinião partilhada pelos autores, que relativamente à quantidade de imagens de obras de arte consideram ser muitas e suficientes.

- O manual fornece um apoio teórico à obra de arte representada na imagem? Em que contexto é desenvolvido? Promove o desenvolvimento do estudo da obra de arte noutras fontes de informação?

A relação da imagem da obra de arte com o texto desenvolve-se em duas vertentes, na legenda e no corpo de texto. A mais representativa é a legenda, estando presente na totalidade das imagens. Valoriza essencialmente a identificação do autor da obra, o título da obra e o ano de execução da mesma desempenhando uma função importante para a leitura dessa imagem. Tanto os professores como os alunos valorizam muito a legenda. No que concerne ao corpo de texto, este é mais dedicado ao desenvolvimento teórico, quer técnico quer iconográfico da obra em questão, ainda que a identificação do autor seja um aspecto relevante. A maior parte dos professores considera a informação relativa à obra de arte como suficiente, sendo que, numa percentagem próxima destes, exista outro grupo de professores que a considera insuficiente. Para a generalidade dos alunos a quantidade de informação relativa à obra de arte é suficiente. Os autores indicam que a informação relativa à imagem da obra de arte é boa e potencialmente dirigida ao aluno, mostrando-se regularmente na legenda, no corpo de texto e também numa área própria criada para o efeito. Nota-se a preocupação de distinguir as imagens das obras de arte das restantes sabendo que, tanto o aluno como o professor, as podem distinguir através da legenda, factor considerado importante na leitura dessa imagem de obra de arte.

Relativamente ao desenvolvimento do estudo da obra de arte por intermédio de outras fontes de informação, as editoras fazem-no de uma forma tímida, quase imperceptível. Em casos muito pontuais é possível verificar a existência de indicações para outras fontes de informação que possibilitem ao aluno o desenvolvimento e o aprofundamento relativo a qualquer matéria.

Os suportes alternativos indicados são a Internet e os livros. Não se registaram caminhos para suportes em ambientes hipermédia, para enciclopédias ou outros.

Em relação à Internet, registamos apenas 3 manuais que indicam sítios, num total de 39 URL's, dos quais apenas 18 se encontravam disponíveis e activos. A generalidade destes sítios estão associados ao desenvolvimento de conteúdos inerentes à disciplina, se bem que também haja indicação de sítios de vertente comercial e um outro corresponda a uma agência de encontros amorosos.

As outras fontes que os manuais indicam são os livros. Encontramos esses registos unicamente na bibliografia ainda que em metade dos manuais estudados não conste bibliografia nenhuma.

- Como está representada nos manuais a arte nacional e os artistas nacionais?

A comparação da representatividade dos artistas nacionais com a dos artistas estrangeiros, na sua globalidade, permite verificar que essa representatividade favorece claramente os artistas estrangeiros. Porém, se, numa segunda fase da análise, compararmos os nacionais com os

estrangeiros separados pela sua nacionalidade verificamos que a representatividade dos portugueses é melhor do que a de qualquer outro país. Verificamos atrás que o indicador nacionalidade, na legenda e no corpo de texto, não é significativo, pelo que, para o aluno ou professor, desconhecendo a nacionalidade do artista, prevalece a primeira comparação que referimos anteriormente. Os autores consideram a representatividade das obras de arte dos artistas nacionais como boa e muito boa.

- O manual é o resultado de um trabalho de equipa. A opinião dos professores e alunos foi considerada na elaboração dos manuais?

Verifica-se que a os autores/editores demonstram disponibilidade para receber a opinião dos alunos e professores relativamente aos manuais. Relativamente aos professores a maioria não se mostra disponível para colaborar com as editoras na construção do manual, ainda que, outra percentagem significativa se mostre disponível para o fazer. Não se destaca, pela sua especificidade, nenhum indicador comum nestes dois grupos de professores. À grande maioria dos alunos nunca foi solicitada nenhuma opinião acerca de manuais escolares.

Da análise global destes pontos ressalta a ideia que o manual continua a ser um importante recurso pedagógico, actuando como guia de orientação das aulas, sendo que a principal utilidade para a disciplina de Educação Visual recai na sua utilidade para a leitura de imagens, reconhecendo-se validade relevante à imagem da obra de arte. Perspectiva partilhada pelos diversos actores: alunos, professores e autores/editores.

A indicação em alguns manuais de sítios da Internet como suporte complementar, indicando sítios associados ao desenvolvimento de conteúdos (no caso da disciplina de Educação Visual), permite vislumbrar o caminho a trilhar na produção dos manuais escolares nestes tempos actuais da Sociedade da Informação, bem como o estabelecimento de novas relações entre os autores e os utilizadores.

Referências bibliográficas

- FINK, A. (1995). *The Survey Handbook*. Califórnia: Sage.
- MARCONI, A. & LAKATOS, E. (2002). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- ALMEIDA, J. & PINTO, J. (1982). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Presença.
- BRANNEN, J. (1995). Combining qualitative and quantitative approaches : an overview. In Julia Brannen (ed.), *Mixing methods: qualitative and quantitative research*. Hants : Avebury, 3-37.
- VALA, J. (1986). Análise de conteúdo. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (org.) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 101-128.
- ZABALZA, Miguel (2001). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Asa.
- FOX, David (1981). *El proceso de investigación en educación*. Pamplona: Universidade de Navarra.